



**CASA DA  
MUTUALIDADE**  
GALERIA DE ARTE

**entrada livre**  
dias úteis das 10h00-18h00  
R. Dr. Manuel Rodrigues 5, 3000-258 Coimbra



Curadoria de Victor Costa

**17 out.  
a 15 nov.**

*exposição*

# **Máscaras em Oposição** de Emerenciano



## Um resumo biográfico, passados 50 anos com a APROXIMAÇÃO À ESCRITA

Emerenciano nasceu em Ovar onde fez a denominada instrução primária (4 anos), em Espinho concluiu 2º ciclo (2 anos), depois na cidade do Porto frequentou a Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis onde fez o Curso de Pintura Decorativa e a Secção Preparatória para entrar na Escola Superior de Belas Artes em 1968.

Já a frequentar o Curso de Pintura é obrigado a interromper os estudos com o serviço militar obrigatório e a deslocação para a guerra colonial em Angola. Regressa em 1972 e com bolsa de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian conclui em 1976 a Licenciatura em Artes Plásticas (Pintura). Da mesma instituição recebe em 1978 e 1979 um Subsídio de Investigação, apoio para fazer uma Viagem de Estudo a Paris em 1986, mais tarde tem o patrocínio para duas publicações antológicas da sua pintura (1983 e 1994).

Em 1980 inicia a participação regular em exposições internacionais de Arte Postal e de Poesia Visual, e considerando importante a poética dos correios desenha símbolos para carimbos e alguns foram empregues numa repetição sequencial em pinturas.

Em 2000 representa a Câmara Municipal de Ovar num Plenário Internacional de Artistas em Pernik, Bulgária. Está representado em diversas colecções públicas e privadas.

Ao longo de vários anos, por iniciativa própria e aceitando desafios, faz retratos de escritores, entre eles destaca-se o poeta Eugénio de Andrade com quem estabeleceu uma relação de amizade, mas em 2022 é convidado pela Tertúlia do escritor João de Araújo Correia, que se situa na Régua, para fazer 20 retratos de 20 escritores com relação ao Douro e uma exposição passou a percorrer diferentes terras da região.

Preparou a sua primeira exposição individual em 1973 para ter lugar na Galeria Diedro em Leiria, com inauguração no dia 27 de Abril de 1974, a revolução no dia 25 não impediu que se realizasse.

Pela sua importância a segunda exposição individual foi na cidade do Porto em 1979 na Galeria Módulo e a primeira em Lisboa foi em 1980 na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Mas sem desconsiderar a totalidade das exposições individuais, na passagem dos 50 anos de actividade, é de salientar em 2023 as seguintes exposições: ESCRIPINTURAS, exposição integrada numa Homenagem ao poeta Eugénio de Andrade, na Fábrica da Criatividade em Castelo Branco; com o nome CALCAR, na Cooperativa Arvore, Porto; com o título QUERER DIZER no Centro de Arte de Ovar; e na passagem de 2023 para 2024 uma exposição com o título O LIVRO no Museu Júlio Dinis; ainda em 2024 com o título Verdade Entre Mentiras expõe na Biblioteca Municipal de Ovar.

São bastantes as exposições colectivas em que participa e destacam-se algumas:

1972/73 – 1ª Bienal Nacional dos Artistas Novos – Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão;

1975 – Levantamento da Arte do Século XX no Porto - Museu de Soares dos Reis, Porto e Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa;

1983 – Seoul International Mail Exhibition (Mail Art) - Korea Art Center, Coreia do Sul; 17ª Bienal de São Paulo, Brasil;

1985 – EXPO AICA SNBA, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa;

1986 – III Exposição de Artes Plásticas - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa;

1988 – 5. Biennale der Europäischen Grafik (reproduz na capa do catálogo de parte da serigrafia) Heidelberg, Alemanha.

1992 – 100 Anos de Arte no Porto - Cooperativa Árvore, Porto;

1995 – Prémio internacional d' investigacions poètiques (Poesia Visual) - Barcelona, Espanha;

2013 – Artistes-poètes, Poètes-artistes - Poésie et arts visuels du XXè siècle au Portugal - Centre Calouste Gulbenkian em Paris, França;

2018 – Poesia Experimental Portuguesa - Caixa Cultural Brasília e Galerias Piccola I e II, Brasília, Brasil;

2021 – Poesia Experimental Portuguesa (homenagem a E. M. de Melo e Castro após a sua morte) Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil;

2022 – Respigadores - Casa da Cultura de Paredes;

2024 – A Arte do Conflito – Tribunal da Relação do Porto; Homenagem a Luís Vaz de Camões, Biblioteca de Paredes.

## Emerenciano: cinquentenário da arte das máscaras ou uma mão de “escrípinturas” vermelhas

O multifacetado artista Emerenciano Rodrigues completou, em 2024, o cinquentenário da sua viagem artística, um cinquentenário da arte das máscaras ou de uma mão de “escrípinturas” vermelhas. É uma “escrípintura” do sangue do coração, por onde perpassa a sua arte, sob um apelo visível e invisível da escrita do mundo que só terá sentido fazer-se em permanente apelo de liberdade, interior e exterior, e onde a mão do mistério vindo do passado para o presente ambiciona florir o futuro.

Autor de uma pintura contígua à escrita, entre a poesia carnal (também escreve poesia) e a poesia visceral, dir-se-ia ser uma pintura no âmago da “escrípintura do coração” em permanente espiral de mundo. Uma arte na “espiral da mão” e na “face-espiral” do mundo, em perdurável reflexo de espelho, de máscaras, quase sempre inalcançável ou compreensível, onde o artista ambiciona, em sua magnífica figuração de escrita, despertar interrogações e desconforto.

Neste exímio trajeto artístico, nesta viagem, nesta mão de “escrípinturas” vermelhas, a sua arte está encaracolada numa dimensão simbólica distintiva, muitas vezes assente numa imagética algo complexa, plena de múltiplas variações ou transmutações, em processo centrífugo com formas, dimensões e cores, que insinuam outras causas ou circunstâncias, como alude Fernando Aguiar “depois se metamorfoseiam em diferentes configurações de onde surgem distintas realidades”.

Sim, e aí, a presença da mão de “escrípinturas” poderá presentir-se, visualizar-se e imaginar-se, pois, os pequenos sinais, simbólicos ou materiais, dizem-nos, avisam-nos, só é preciso estarmos atentos, que todo o cuidado é sempre muito pouco para evitar a tragédia do humano, sobretudo porque o homem animal, em sua “humana” linguagem de violência, continua a conseguir que a nossa animalidade permaneça, veja-se a espiral de violência atual, mesmo se ainda sejamos todos crentes na utópica oposição pela arte!

Leonardo da Vinci afirmou que “A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível”. Teremos de estar mesmo atentos aos sinais da vida, da arte. Olharmos as máscaras nos olhos, as máscaras dos outros e as nossas. Quando olhamos a arte de Emerenciano, sabemos que o que temos diante dos olhos não é só aquilo que os olhos captam. Há muito por descobrir e questionar, muito por sentir e falar, gritar!

O grande Paul Valéry afirmou: “Elegância é a arte de não se fazer notar, aliada ao cuidado sutil de se deixar distinguir”. É o que poderá ser dito sobre o artista Emerenciano Rodrigues neste seu ‘cinquentenário da arte das máscaras ou uma mão de “escrípinturas” vermelhas’. Na sua obra existe uma sombra clara e em contínua espiral, uma “escrípintura” por descobrir, uma presença por aclarar, uma pura <sup>1</sup> “Impura atitude”:

*“Um homem escuta as mãos no atelier, escuta /e distancia o olhar, a extrema antecipação /do extasiado dom frente à morte. // Depois, só o gesto rasurando o divino /e no corpo filial da espiral /a seiva e o osso com sua escrita obscura /e em mais um dia incendiado e múltiplo, /o jugo que não consente silêncios /e que sempre assoma blasfemando a palavra. //Um homem distancia-se deste corpo de mundo /que não é, sem culpa, sem mais nada. /E a malícia, que sempre adorna a voracidade /do mundo, vacila e estaca aqui, /nesta abundante “mão tingida sobre o espelho”. // Esta escrita está errada, impura como flecha quebrada /-escuta, só as “escrípinturas” se escoram para dentro!”*

João Rasteiro <sup>1</sup>  
Julho de 2024



S/ Titulo  
60 cm X 50 cm | colagem e acrílico s/tela | 2014

## MÁSCARAS EM OPOSIÇÃO

As máscaras em oposição estão fora e dentro com e sem pensamento, visíveis e invisíveis nos encontros e desencontros podem ser prenúncio de guerras. São dominadas as pequenas e pacíficas guerras quando está presente a filosofia do entendimento fraterno, mas outras guerras, não só as grandes, revelam-se trágicas, mostram o que Giorgio Agamben refere no livro O Aberto, que na realidade existe o animal humano e o homem animal. Sendo o homem animal um doente não devemos recear dizer que quando quer o poder e chega lá exerce a violência, é rodeado de criados, que protege para ser protegido, revela-se uma doença que podemos definir por animalidade desde que o mundo é mundo e não se trata com comprimidos. Era admissível que animalidade desaparecesse com a linguagem do saber reunindo o afecto, ideia que não se generaliza, só os homens e as mulheres sublimes participando numa guerrilha intelectual podem fazer a guerra à guerra, escrevem e publicam livros, falam nas televisões e nos encontros específicos, mas a audiência é reduzida comparada com a das romarias, que são aglomerados de gente inculca a confundir a crítica com a maledicência, lembrando Georges Gusdorf “trocam impressões sem nunca dialogar”, e haverá quem tenha uma faca escondida.

Desde que comecei a pensar numa actividade considerada artística enquanto reacção a uma guerra onde fui escravo, a Guerra Colonial, não podia deixar de ter presente a procura da felicidade. Dominava ainda em Portugal a ditadura, não havia liberdade de expressão e era-me exigido algum cuidado no convívio social e familiar. Estávamos em 1973 e pensei reagir à censura, que dificultava a liberdade de expressão, com a figuração da escrita. Mais do que recusar dizer podia manifestar o meu querer dizer gritando na perspectiva simbólica, assumia uma atitude revolucionária. Agora, sem receio de uma polícia política e dos seus camuflados informadores, posso falar e sobretudo escrever sem deixar de ter presente a complementaridade da pintura simbólica, juntando símbolos que se relacionem para comunicar algo oculto, que do passado vem para o presente e pode ter implicação no futuro incerto. Desde que houve a revolução do 25 de Abril em 1974, ano em que realizei a primeira exposição individual com inauguração no dia 27 do referido mês, na Galeria Diedro em Leiria, a minha realidade justifica ainda a perspectiva de uma conduta que é informada pela realidade passada e presente, enfrente com ou sem máscara os inimigos, alguns estão disfarçados nos devaneios da vida onde os olhares se cruzam e os pequenos sinais informam que todo o cuidado é sempre pouco para evitar a tragédia.

Emerenciano  
Porto, 20 de Junho de 2024

## Casa da Mutualidade Centro de Mutualismo - Galeria de Arte | Cafeteria

A **Previdência Portuguesa** é uma Associação Mutualista fundada em 1929 que tem como missão a promoção do bem-estar dos seus Associados, disponibilizando múltiplos produtos na área da mutualidade, financiamento através de empréstimos, cuidados à primeira infância, cuidados de saúde, assim como benefícios vários na área da economia doméstica, saúde, desporto, lazer e cultura.

A Casa da Mutualidade — Galeria de Arte e Centro de Mutualismo, inaugurada em 2011 é um espaço polivalente d'A Previdência Portuguesa no qual a instituição promove e acolhe a realização de eventos de índole associativa, cultura e mutualista. Foi um projeto impulsionado pelo antigo Presidente da Associação, Mário Nunes. Em 2012, o projeto Casa da Mutualidade - Galeria de Arte e Centro de Mutualismo venceu o prémio “Inovar Para Inovar” promovido pela União das Mutualidades Portuguesas, dada a sua dimensão cultural. O espaço encontra-se aberto ao público com uma média anual de 1500 visitantes. Na Casa da Mutualidade, já se celebraram mais de 120 exposições de arte nas mais diversas áreas, desde pintura, escultura, fotografia ou instalações, coletâneas individuais ou coletivas, workshops, palestras, apresentações de livros entre outros.